



ENTRE CONEXÕES INSTÁVEIS: AFETOS PRECARIZADOS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVAÇÃO DE MULHERES ONLINE

PASSOS, Julia Maria dos¹

SOBRAL, Maria Vitoria da Silva²

TORRES, Thays Suzan do Nascimento³

BRUNINI, Bárbara Cossettin Costa Beber⁴ Orcid:0000-0002-22793-1994

RESUMO. Esta pesquisa cartográfica, permeada pelas abordagens pós estruturalista e esquizoanalítica, desvela as linhas de força pelas quais a vivência digital territorializa e instabiliza a subjetivação feminina. Dialogando sobre as relações de poder e saber, gênero e tecnologia, a escrita mapeia como os atravessamentos sociais e culturais nas redes sociais operam como um dispositivo de controle que, através da pressão estética e da comparação, resulta na precarização dos afetos e dos corpos. Autoras como Suelly Rolnik, em suas linhas sobre a cartografia do desejo, e o conceito de empoderamento político de Joice Berth são mobilizados para analisar a potência de agir do corpo feminino, buscando as linhas de fuga que permitem a emergência de novas existências, contrastando encontros tristes e alegres à luz de Espinosa. Com intuito de denunciar as linhas molares que, por meio de um panóptico virtual, aqui identificado pelas telas e redes sociais, moldam a vulnerabilidade e o sofrimento psíquico, rastreando a instabilidade do existir de corpos mulheres, mapeando os agenciamentos de poder que inscrevem suas marcas. A finalidade política dessa cartografia consiste em fomentar o movimento de resistência feminina, não se limitando à mera descrição, mas visando a emergência de linhas de fuga à formas de existências precarizadas, culminando em um processo de insurreição micropolítica, que se insurge contra a captura do desejo pelo espaço cibernético e seus processos de sequestro.

Palavras-chave: Subjetivação, Corpos precarizados, Ambiente virtual, Cartografia.

¹ Estudante de Psicologia, Universidade Paranaense – UNIPAR. julia.passos@edu.unipar.br

² Estudante de Psicologia, Universidade Paranaense – UNIPAR. m.sobral@edu.unipar.br

³ Estudante de Psicologia, Universidade Paranaense – UNIPAR. thays.torres@edu.unipar.br

⁴ Doutora em Psicologia. Universidade Paranaense – UNIPAR. barbrunini@prof.unipar.br

**BETWEEN UNSTABLE CONNECTIONS: PRECARIOUS AFFECTS
AND THE PRODUCTION OF WOMEN'S SUBJECTIVATION ONLINE**

ABSTRACT. This cartographic research, permeated by post-structuralist and schizoanalytic approaches, unveils the lines of force through which digital experience territorializes and stabilizes female subjectivation. Engaging in dialogue about power and knowledge relations, gender and technology, the writing maps how social and cultural intersections on social networks operate as a control device that, through aesthetic pressure and comparison, results in the precarization of affects and bodies. Authors such as Suely Rolnik, in her lines on the cartography of desire, and Joice Berth's concept of political empowerment are mobilized to analyze the power of action of the female body, seeking the lines of flight that allow the emergence of new existences, contrasting sad and joyful encounters in the light of Spinoza. With the aim of denouncing the molar lines that, through a virtual panopticon, identified here by screens and social networks, shape vulnerability and psychic suffering, tracing the instability of the existence of female bodies, mapping the power structures that inscribe their marks. The specific politics of this cartography consists of fostering the movement of female resistance, not limited to mere description, but involving the emergence of lines of escape from precarious forms of existence, culminating in a process of micropolitical insurrection that rebels against the capture of desire by cyberspace and its processes of kidnapping.

Keywords: Subjectivation, Precarized Bodies, Virtual Environment, Cartography.

Introdução - DEVIR EM REDE: CARTOGRAFANDO A HISTÓRIA DAS MULHERES

Envoltas em processos acadêmicos, contemplamos, através das lentes esquizoanalíticas e pós estruturalista, o compartilhamento de vivências e realidade entre diversos modos de estar mulheres. A presente pesquisa trata-se do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, que foi realizada sob respaldo de orientações, estágios, leitura de artigos, fichamentos e vivências desenvolvidas por três acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - Unipar.

Focadas em navegar⁵ sobre a realidade da produção de subjetivação das mulheres no contexto da vivência digital, confiando na potência das reflexões, diálogos proporcionados por cada leitura e orientação realizadas ao longo dos semestres de produção enquanto mulheres. Nesse contexto, escolhemos como método: a cartografia, que entra como uma possibilidade qualitativa de mapear a construção dos afetos e a subjetivação das mulheres em ambiente on-line, dialogando com Brunini (2022), quando propõe uma cartografia ética e afetiva, que se constrói a partir de experiências compartilhadas, dispositivos de escuta coletiva, diários de bordo e escritas de si. Em sua perspectiva, cartografar é como navegar por territórios afetivos em constante atualização, onde cada encontro reprograma o sistema, abre novas pastas, desfaz padrões e inventa outros algoritmos de existência.

Desta forma, estamos conectadas aos fluxos vivenciais de corpos mulheres, igualmente submetidas e, por vezes, raptadas pelas linhas do espaço cibernético, mais precisamente, a plataforma: *Instagram*, que foi base referencial para nossa escrita. A rede foi criada no ano de 2010, emergindo como “um ambiente virtual voltado ao compartilhamento de imagens e vídeos, permitindo a interação entre usuários por meio de curtidas, comentários e mensagens, além de possibilitar a construção de identidades no ambiente digital” (Recuero, 2009).

Sendo assim, o objetivo deste estudo é cartografar as formas pelas quais as redes sociais que seguem o mesmo sistema do *Instagram*, atravessam e instabilizam a construção da subjetivação feminina, pois, “Cada método é uma linguagem, e a realidade responde na língua em que foi perguntada” (Santos, 2002, p. 48 apud Romagnoli, 2009 p. 169). Nesse sentido, busca-se denunciar os riscos associados a essas influências, pois, em meio a filtros, padrões estéticos inatingíveis, discursos performáticos de felicidade e autocontrole, emerge um terreno ambíguo e instável. Assim, “o estético diz respeito à dimensão sensível de nossas experiências, ao recorte de tempos e espaços que sustentam a visibilidade ou a invisibilidade de um comum partilhado” (Rancière, 1996 apud Cavagnoli; Maheirie, 2020, p. 67), no qual se entrelaçam pressão, comparação social e exposição da intimidade.

É importante salientar que, historicamente, a mulher foi construída com a expectativa de desempenhar papéis voltados para uma figura doméstica, frágil, submissa, destinada a

⁵ O termo “navegar” é utilizado em sentido metafórico, referindo-se ao deslocamento no espaço cibernético, entendido como um ambiente de fluxos, conexões e interações. Conforme Pierre Lévy (1999), o ciberespaço constitui um novo meio de comunicação e produção de sentidos, no qual os sujeitos transitam e constroem conhecimento.

cuidar da casa e da família, onde o seu papel é delimitado e restrito pelo patriarcado. “Os papéis de gênero são produzidos e reproduzidos socialmente, estabelecendo lugares e funções diferenciadas para homens e mulheres” (Colling e Tedeschi, 2019). Essa herança patriarcal se perpetua até os dias atuais e, no campo da saúde mental, tais estereótipos podem levar ao adoecimento psíquico, pois limitam as experiências em expectativas sociais rígidas e produtoras de culpa.

Nessa direção, Deleuze e Guattari (2002) lembram que a história não é linear, mas atravessada por linhas de força e de resistência. Nesse sentido, podemos dizer que a construção da subjetividade e as formas de se expressar são instáveis, ou seja, o sujeito está em constante mudança como nos lembra Rolnik (2012, p.45): “a subjetividade não é um conjunto de traços adquiridos, mas um processo de produção constante, uma máquina de guerra que trava suas batalhas no plano dos afetos e dos fluxos”.

Desta mesma forma, Rachel Soihlet (2007 apud Vaquinhos, 2019) afirma que escrever a história das mulheres é também um exercício de crítica, pois desestabiliza a ideia de uma história universal, revelando desigualdades estruturais. Em adição, a história das mulheres não tem em si um começo específico, mas a sua luta começa a partir do momento em que fatores externos afetam negativamente a sua forma de existir. Nesse contexto, observa-se os atravessamentos de instituições, do patriarcado, dos jogos de poder e verdade instituídos sobre corpos mulheres como um sistema de subjetivação sociocultural.

Foucault (2011, p. 183) afirma que “o corpo é diretamente implicado no jogo do poder; é alvo e instrumento”, e ainda nesse raciocínio explica que o panóptico é uma “[...] forma de vigilância que permite observar sem ser visto, levando o indivíduo a internalizar a disciplina e regular seu próprio comportamento.” Ou seja, uma metáfora do poder disciplinar e do controle social que age através da vigilância, induzindo as pessoas a se comportarem de acordo com normas, mesmo sem a presença constante de um vigilante.

Tais mecanismos funcionam como protocolos invisíveis de captura, atualizando velhas formas de controle em interfaces digitais. Esse processo pode ser percebido, uma vez que a exposição constante no *Instagram* tornou-se parte do cotidiano de muitas mulheres, moldando comportamentos, afetos, desejos e modos de existir, inclusive representado por um importante controle disciplinar panóptico.

O ambiente virtual, embora cruze fronteiras e ofereça possibilidades de conexão e

expressão, também opera como um potente dispositivo de controle, produção de normas e reprodução de violências simbólicas, sobretudo no que diz respeito à construção da subjetivação feminina, entrando em contato com a ideia de Foucault (1995), onde, na subjetivação, não existe um "eu" natural e fixo, mas sim formas de constituição do sujeito em meio a relações de poder e saber.

Porém, essa realidade caminha em meio a filtros, padrões estéticos inatingíveis, e discursos performáticos de felicidade e autocontrole, emergindo em uma plataforma ambígua, instável e perigosa quando pensamos no sequestro do corpo da mulher. Para dar conta dessa complexidade, este artigo não se prende a uma estrutura linear e fechada, mas assume-se como um texto-rizoma. Adotamos uma escrita que opera por conexões e metáforas, buscando conscientizar sobre os riscos subjetivos associados ao uso acrítico das redes, ao mesmo tempo em que propomos caminhos para uma relação mais ética, autônoma e crítica com esses dispositivos tecnológicos.

SUBJETIVAÇÃO: (des)CONSTRUINDO-SE NO AMBIENTE VIRTUAL

Com raízes esquizoanalíticas e pós estruturalistas, nossa escrita busca conversar com autores, como Suely Rolnik, nascida em 1948, brasileira, psicanalista, filósofa e professora, que é uma das principais difusoras da esquizoanálise, tendo articulado os pensamentos de Deleuze e Guattari (2002) com questões de subjetivação, desejo e micropolítica, propondo uma abordagem crítica sobre como as forças sociais, culturais e econômicas moldam a subjetividade e produzem a captura do desejo, especialmente nas formas contemporâneas de exploração simbólica e digital (Rolnik, 1989). Tendo em vista essa construção da mulher e a territorialização das relações, a internet surge como mapa, favorecendo outras cartografias existenciais.

Fomos igualmente atravessadas pelas escritas foucaultianas, quando delega aos nossos estudos e escritas, posicionamento implicado como futuras psicólogas, ao reconhecer e denunciar jogos de verdade, que, como diz Benelli (2004), “as técnicas de vigilância, de punição, de controle social, de produção de sujeitos também estão se sofisticando a partir do suporte da tecnologia de ponta” embutidos no conceito (ou preconceito) do que é estar mulher.

Benelli (2004), ainda apresenta condutas de uma sociedade disciplinar que normaliza gestos, normatiza condutas e moraliza sujeitos, fazendo tudo o que é distante disso, ser

considerado corpos anormais pois, “o anormal é, portanto, aquele que deve ser corrigido, aquele que é objeto de intervenção, de normalização” (Foucault, 2001). Rastreado essa ideia, mulheres que utilizam de linhas de fuga, “linhas que não param de escapar, de fugir às segmentaridades” (Deleuze; Guattari, 2002), acabam sendo marginalizadas ou patologizadas pelo sequestro disciplinar, docilizando esses corpos.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais é útil, e inversamente (Foucault, 2011).

Tais mecanismos funcionam como protocolos invisíveis de captura, atualizando velhas formas de controle em interfaces digitais. Isso porque, as redes sociais se tornaram espaços privilegiados de manifestação de macropolíticas de reprodução da ordem dominante, que sutilmente moldam o processo subjetivo das mulheres no mundo virtual, tornando esse processo majoritariamente político, como articula Rolnik (1989): “a subjetividade não é algo dado, mas produzida em processos sociais, políticos e históricos”. Isso significa que, muitos dos comportamentos apresentados nesses ambientes refletem uma reprodução de relações que compõem o corpo mulher até o presente momento.

Como destacam Barros e Barcelos (2023, p. 23), o entrelaçamento de agenciamentos favorece a criação de subjetividades no ambiente digital. Assim, os indivíduos não apenas consomem conteúdos, mas também significados, inseridos em um sistema capitalista globalizado e cada vez mais digitalizado. De acordo com Benelli (2004):

O corpo humano foi então submetido a uma “anatomia política” e igualmente a uma “mecânica do poder” que o esquadrija, desarticula, recompõe. A disciplina fabrica corpos submissos, exercitados, fortes, aumenta sua aptidão e ao mesmo tempo sua dominação. Uma “microfísica” do poder produz um investimento político e minucioso do corpo, tendendo, desde o século XVII, a cobrir todo o âmbito social.

Nesse sentido, a presença feminina no ambiente digital não é apenas expressão de uma identidade prévia, mas também um processo contínuo de construção e regulação. Foucault (1987) afirma que o poder produz realidade; produz domínios de objetos e rituais de verdade, essa ideia permite compreender como o *Instagram* atua como um dispositivo que molda comportamentos, estéticas e narrativas de si.

Esse domínio pode ser visto no momento em que nós, enquanto mulheres, somos influenciadas, (in)diretamente, por outras mulheres ao compartilharmos imagens e rotinas. Nesse momento participamos de um regime de visibilidade que possibilita expressão e impõe

normas. Assim, a subjetividade feminina é atravessada por expectativas de beleza, sucesso e felicidade, que são reiteradas por algoritmos e pela lógica da validação social que nos atravessa na sociedade contemporânea, reproduzindo um mecanismo violento intrínseco por meio de dispositivos de poder simbólicos, uma vez que “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo, mas porque provém de todos os lugares” (Foucault, 1988). Desse modo, esses dispositivos não apenas regulam os corpos, mas elaboram uma manutenção de subjetividade que se adequa à norma dominante.

É nesse contexto que se torna visível o processo de cafetinagem da vida, conceito trabalhado por Rolnik (2018). A potência vital do sujeito é capturada pelo desejo capitalista e convertida em moeda de troca, transformando energia existencial em lucro. Como afirma Rolnik (2018), “o capitalismo contemporâneo não explora apenas a força de trabalho, mas se apropria da própria potência de criação da vida, convertendo-a em fonte de valor”. O sujeito, então, expõe realidades, muitas vezes fabricadas, com o objetivo de atrair atenção e consolidar um “império virtual”. Essa captura, entretanto, deixa-o vulnerável a diferentes formas de sofrimento, favorecendo o adoecimento mental, já que sua vida é cartografada em uma rede instável e volátil.

Nesse cenário, o devir⁶ emerge na pluralidade das relações, pois, no ambiente virtual, os conteúdos do sujeito se dispersam na imensidão da rede, rizomaticamente entrelaçados com desejos impostos pelas linhas molares e pelas relações de poder subjacentes ao entretenimento. Assim, o sujeito conectado aparece como uma marionete do sistema, conduzido por fios invisíveis que atravessam tanto suas conexões virtuais quanto suas relações no capitalismo. Esse movimento nos remete ao que Rolnik chama de inconsciente colonial-capitalístico, sendo ele “o regime dominante de produção de subjetividade no contemporâneo, que captura a força vital e a coloca a serviço da reprodução do capital” (Rolnik, 2018), no qual as forças de dominação se infiltram e moldam as formas de existir e sentir.

O conceito de “corpos dóceis”, desenvolvido por Foucault (2011) em *Vigiar e Punir*, é particularmente relevante em concordância com a autora. Segundo ele, os corpos são

⁶ Devir refere-se a um processo contínuo de transformação e produção de diferenças, no qual o sujeito não assume uma identidade fixa, mas se constitui em movimento, em relação com forças, encontros e afetos. Diferente de uma evolução linear ou de uma mudança de estado, o devir implica a criação de novas possibilidades de existência (Deleuze; Guattari, 2002).

disciplinados para se tornarem úteis e obedientes dentro de determinadas estruturas sociais. No contexto do *Instagram*, os corpos femininos são frequentemente moldados por padrões estéticos hegemônicos, levando à internalização de normas que orientam posturas, poses, estilo de vida e até emoções.

Trata-se de uma forma de poder que não se impõe apenas de fora, mas que é incorporada através do poder e da vigilância que circula (Foucault, 1979). Nesse sentido, Benelli (2004) traz que a tecnologia funciona como uma forma de controle dos corpos, favorecendo essa vigilância que não parte de um ponto específico, mas acontece até mesmo de um corpo para o outro, assim o

Poder “discreto” que funciona silencioso e permanentemente, poder “indiscreto” onipresente, onisciente, que tudo vê, tudo sabe, sempre atento, alerta, esquadrinhando e controlando continuamente os indivíduos, através de “olhares calculados” em jogos ininterruptos, todos vigiam a todos (Benelli, 2004, p.242).

Contradizendo esse mecanismo, a esquizoanálise propõe linhas de fuga definidas por Deleuze e Guattari (2002) como “as linhas de fuga não consistem nunca em fugir, mas em fazer fugir, em traçar uma linha” não sendo elas, nesse sentido, resistências puras e simplesmente saídas bruscas do sofrimento, mas movimento de criação, de possibilidades que tensionam os modos de subjetivação forjados nas redes sociais. Cabendo lembrar que, apesar da existência delas, existe um sistema que recaptura, onde fuga e captura coexistem ao mesmo tempo.

Escrevendo enquanto cartógrafas que nos identificamos, convidamos para esta escrita teóricas próximas ou presentes no sul do globo, mulheres das quais nos tornamos íntimas, e representam nossos primeiros atos de transgressão acadêmica. Joice Berth, brasileira, arquiteta, urbanista, escritora e ativista feminista negra, é uma das vozes mais expressivas do feminismo negro contemporâneo no Brasil. Autora da obra integrante da coleção *Feminismos Plurais, Empoderamento*, de 2019, organizada por Djamila Ribeiro, sua escrita articula reflexões sobre raça, gênero, classe e subjetividade, propondo o empoderamento como uma prática política e coletiva, e não apenas individual.

Em sua obra, Berth (2019) desconstrói o uso banalizado do termo “empoderamento”, frequentemente apropriado pelo discurso neoliberal e pelo mercado, e o ressignifica a partir de uma perspectiva emancipatória, ancorada na luta histórica das mulheres negras. Para a autora, “empoderar-se é um ato político que implica o reconhecimento da própria humanidade e o enfrentamento das estruturas que a negam” (Berth, 2019, p.28). Contribuindo com a

escrita do livro *Empoderamento*, que conversa com nossa escrita a partir do momento em que nós, como corpo acadêmico, fomos atravessados por linhas moleculares, que favoreceu o transitar dos nossos corpos e escritas neste espaço de empoderar-se que, de acordo com a autora:

Empoderar [...] é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História (Berth, 2019, p.19).

Assim, o desejo nunca é totalmente domesticado; existem corpos que escapam da normatividade, narrativas que rompem com a estética dominante, formas de existência que resistem à captura total. Assim, pensar a subjetividade a partir da esquizoanálise permite compreender o *Instagram* não apenas como um espaço de representação, mas como um campo intensivo onde desejos são produzidos, capturados e, potencialmente, reinventados. Ao articular as ideias de Goffman (1987), Benelli (2004) caracteriza o exercício do (contra)poder como um campo de forças em conflito. A dinâmica envolve vigilância contínua, processos de modelagem e resistências que atravessam as dimensões macro e microfísicas da realidade social.

A PRECARIZAÇÃO DOS AFETOS NO INSTAGRAM

Ao conceituarmos afetos precarizados, o compreendemos como aquele que se torna dispensável, superficial ou até mesmo manipulado. Espinosa busca entender a origem dos afetos, como emergem, e sua influência na troca com o outro, os derivando em dois tipos: os afetos alegres, que são aqueles que impulsionam nossa capacidade de ser e agir no mundo, nascidos de bons-encontros, ou seja, aqueles que produzem potência e os afetos de tristeza, que são aqueles que diminuem nossa potência de ser e estar no mundo, afecções que limitam e fecham o sujeito para o mesmo (Azevedo, 2018).

Para o autor, os afetos são entendidos como paixões quando indicam estados em que o sujeito é afetado por causas externas, ou seja, quando há uma diminuição de sua autonomia e potência de agir. Nesse sentido, afirma que: “por alegria, entenderei a paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior; por tristeza, a paixão pela qual passa a uma perfeição menor” (Spinoza, 2008). Compreendendo paixão de maneira diferente, a encontrada no senso comum, com teor romântico, mas como um estado em que o sujeito padece dos afetos que são trazidos de forma externa e diluem sua potência de agir, ou seja, quando o sujeito se encontra

passivo à própria existência.

As redes sociais, em especial o *Instagram*, podem ser apontadas como um grande catalisador dessas modificações afetuosas, embora sua proposta inicial seja a de conectar as pessoas, possibilitar a comunicação com parentes distantes, fazer a manutenção de amizades e até mesmo a chance de criar novos vínculos. Quando se fala em afetividade, as redes sociais têm caminhado na contramão do que se propôs inicialmente, ao invés de estreitar os laços e promover relações genuínas, tem promovido relações e afetos fragilizados e, por vezes, manipulados por interesses comerciais. Benelli (2004) argumenta que o sistema capitalista utiliza saberes psicológicos e sociais para mapear e manipular o comportamento humano, transformando o afeto em um produto moldável que serve à reprodução do capital, e o *instagram* pode ser um instrumento assim descrito.

Essa instrumentalização da subjetividade converge para o conceito de Modernidade Líquida de Bauman. Sob essa ótica, os afetos, relações e atravessamentos contemporâneos assumem um caráter fluido e volátil, priorizando a satisfação imediata e o descarte rápido. Nesse cenário, o sujeito busca incessantemente uma realidade idealizada nas redes sociais, uma busca que, segundo o autor, reflete o fato de que “vivemos tempos líquidos onde nada é feito para durar” (Bauman, 2001, p.8).

Desta forma, somos atravessados constantemente pelo novo geracional, novas informações e relações, e a estabilidade que garantia segurança nas relações passou a tornar as pessoas como entretenimento, conexão virtual que tem trazido uma falsa sensação de pertencimento e vínculo, tornando o afeto um objeto de produção e consumo, o transformando em lucro e visualizações. Espinosa dizia que os afetos tristes são aqueles que diminuem a potência de agir do sujeito, restringindo sua capacidade de existir de forma plena, portanto, a precarização dos afetos não poderia surtir efeito contrário ao afeto triste citado pelo autor (Azevedo, 2018).

As redes sociais têm impulsionado, na verdade, uma desconexão do eu, onde as pessoas não se relacionam de maneira emocional e direta, mas performam uma versão de si que julgam ser mais aceitável, despersonalizada e triste. “Se no bom encontro há trocas de aprendizagens que revigoram o ânimo de viver, no mau encontro o corpo é passivo e tomado por afetos de tristeza que geram o seu adoecimento e enfraquecimento do conatus” (Azevedo, 2018, p.56). A diferença entre encontros triste e alegres está na potência de agir, o qual afeta o

sujeito de maneira positiva ou negativa, fortalecendo os territórios de violência, como os descritos pelo conceito de panóptico proposto por Bentham (2008); neste contexto, colabora com essa visão de controle dos corpos, que redes sociais como o *Instagram* instauram nas relações de poder citados por Foucault (1995).

A quebra de expectativa decorrente dos padrões irreais normalizados através das redes sociais dociliza corpos e afetos precarizados (Saffioti, 2015), mantendo a experiência feminina online alimentada por discursos que moldam seu comportamento e identidade. Nesse contexto, a subjetivação não se apresenta como autônoma, mas sujeitada por forças de resistência. Como destaca Butler (2003), o gênero é performativo, ou seja, constitui-se por meio da repetição de atos regulados socialmente, sendo continuamente produzidos e normalizados por discursos, como também escreve Foucault. Essa perspectiva dialoga com o autor ao evidenciar que as mulheres no *Instagram* não apenas “mostram quem são”, mas performam identidades que são socialmente inteligíveis, ou normatizadas, capturadas por um regime de visibilidade e reconhecimento.

A discussão sobre precarização dos corpos mulheres pode ser aprofundada quando articulada à esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2010), especialmente no modo como pensam o desejo não como falta, mas como produção. Diferente de uma visão tradicional, o desejo, para esses autores, é uma força criadora que atravessa os corpos e os conecta a fluxos sociais, econômicos e maquínicos. Nesse sentido, “o desejo não carece de nada, não lhe falta objeto. É, antes, produção” (Deleuze; Guattari, 2010).

Ao trazer essa perspectiva para o *Instagram*, podemos pensar a plataforma como uma máquina de captura de desejo, em vez de apenas permitir expressão, ela organiza, canaliza e modula aquilo que desejamos ver, ser e consumir. No *Instagram*, isso se manifesta na estetização da vida cotidiana, na mercantilização da imagem e na transformação do próprio corpo em capital simbólico. O corpo deixa de ser apenas vivido para ser um corpo que deve performar continuamente para existir socialmente, ser visto e receber likes.

Ao mesmo tempo, há fissuras nesse sistema, muitas mulheres utilizam a plataforma para subverter padrões, promover diversidade corporal e questionar normas, o que o teórico descreve como contra poder (Foucault, 1979). Assim, a subjetividade feminina no *Instagram* pode ser entendida como um campo de disputa entre controle e liberdade, norma e resistência. Inspiradas por Foucault (1979), podemos afirmar indiretamente que onde há poder, há

também possibilidades de resistência, e é nesse espaço que novas formas de ser e existir podem emergir.

Em tal cenário, a saúde mental feminina, inclusive o local onde nos auto reconhecemos, também encontra-se instável; o processo inconstante e a sobrecarga de exigências simbólicas e aceitação do outro possuem potência para o desenvolvimento de quadros de ansiedade, baixa autoestima e depressão, influenciando diretamente na qualidade de vida e no bem-estar de nós mulheres (Hooks, 2019), alimentada por discursos que moldam nossos comportamentos e expectativas, passando a subjetivação a ser não autônoma, mas sujeitada por forças de sequestro.

GÊNERO EM CÓDIGO-FONTE: VIOLÊNCIA DE CORPOS FEMININOS NA ERA DIGITAL

A partir da precarização dos afetos discutida anteriormente, é possível compreender que tais dinâmicas não se limitam à fragilização das relações, mas se desdobram em formas mais explícitas de violência, especialmente quando atravessadas por marcadores de violência de gênero que:

[...]se enquadra como uma das violências que mais tem preocupado o Estado, aquela praticada por homens contra mulheres que se utilizam de força física ou de ameaças, provoca sofrimentos psicológicos, intelectuais, físicos, sexuais e morais com o objetivo de coagir, humilhar, castigar, submeter, punir (Colling e Tedeschi, 2019, p.117).

Nesse sentido, o ambiente digital, como o *Instagram*, torna-se um espaço privilegiado para a reprodução e intensificação dessas violências, operando como um dispositivo que amplia e atualiza práticas já enraizadas no tecido social, dialogando com as concepções de Foucault (1979) sobre o poder-saber e de Deleuze e Guattari (2002) acerca da territorialização, indicando que o espaço digital atua como um dispositivo biopolítico que regula afetos e corpos.

Tais práticas de poder e silenciamento, ao se engendraram ao ambiente virtual, passam a operar de maneira oculta diversos tipos de violência, como posto pelo Conselho Federal de Psicologia (2024, p.39): “qualquer tipo de ação ou omissão baseada no gênero e que cause lesões, morte, faça sofrer física, sexual, moral, patrimonial ou psicologicamente qualquer mulher”. Dessa forma, é fundamental compreender essas violências em seus códigos de origem histórica e social, sendo necessário denunciar marcas existentes do patriarcado,

associadas a uma persistente tentativa de dominação de um gênero sobre o outro, alimentam a violência de gênero, inclusive no âmbito digital, vitimando por meio de crimes cibernéticos, em sua maioria, mulheres e meninas, indicando que o processo de subjetivação é complexo e engendrado por questões históricas e patriarcais.

Desse modo, observa-se que as violências que hoje emergem no ambiente digital não são fenômenos recentes ou isolados, mas atualizações de práticas históricas de controle, dominação e objetificação de corpos que quando não inclinados à dominação são excluídos, cancelados e desativados do meio social. Assim, “qualquer forma de ser e existir enquanto mulher que escape ao modelo hegemônico vem acompanhada de ondas de violência que, não raramente, resultam na aniquilação dos corpos femininos” (Conselho Federal de Psicologia, 2024, p.39), recapturando os mesmos, num jogo do sistema.

Muitas dessas práticas são inerentes a violência simbólica, como @Pierre Bourdieu (1989)⁷, a violência simbólica pode ser caracterizada com sua sutileza e silêncio, pois suas vítimas quase sempre não se reconhecem como tais, justamente por não perceberem a violência que está estruturada, contribuindo para a produção de estigmas e violência de maneira sutil. Goffman (1963) destaca que o estigma corresponde às marcas, atributos ou características, que levam à marginalização e à crítica social, configurando um mecanismo fundamental para a manutenção das barreiras sociais e da exclusão.

Quando transpostas para o ambiente digital, a violência simbólica não apenas se mantêm, mas se reconfiguram, ampliando seu alcance e potencializando seus efeitos, ao mesmo tempo em que dificultam sua identificação e enfrentamento. Dentro dessa perspectiva, a violência online pode ser compreendida tanto como uma forma de violência simbólica, na medida em que se manifesta por meio da linguagem, discursos e representações, quanto como uma violência sistêmica que

[...] é responsável por produzir a desigualdade e a dominação de classes de forma aparentemente discreta, mas que, causa sofrimento, em especial naqueles que estão historicamente colados nas posições de explorados e oprimidos (Silva, 2023, p.11).

Reconectando com a história das mulheres anteriormente discutida, podemos perceber essa violência sendo reproduzida, como posto por Rolnik (1989) e Foucault (1979), numa captura do desejo, não de forma isolada, mas na articulação dessas dimensões, que se

⁷ O símbolo “@” é utilizado neste trabalho como uma referência às marcações em redes sociais, sendo empregado de forma satírica, em diálogo com as dinâmicas comunicacionais do ambiente digital.

reforçam continuamente. Nesse cenário, a lógica do capital atravessa a produção de sentidos, orientando práticas, valores e percepções, ao mesmo tempo em que sustenta e legitima as estruturas sociais, contribuindo para a perpetuação das desigualdades e das relações de dominação e para a produção de afetos tristes, como medo, insegurança, impotência e desesperança, pois emergem das relações de poder profundamente disseminadas nas estruturas sociais, vinculadas ao funcionamento do próprio sistema político e econômico, manifestando-se nas estruturas que organizam a vida em sociedade.

POSSÍVEIS DESCONEXÕES

Como corpos femininos em ambiente acadêmico e futuras profissionais de Psicologia, atravessadas por nossas práticas, vimos o quanto esse entrelaçar de pensamentos e autores conversam com o que propomos ao que se refere ao trabalho de conclusão de curso. Ao tencionarmos os fios que sustentam a realidade das mulheres no ambiente virtual, compreendemos que não se trata apenas de mapear a subjetivação feminina no ambiente digital, mas de expor as engrenagens que operam sua captura. O que se revela não é somente um campo de produção de existência, mas também um território de exaustão, onde o desejo é constantemente atualizado, explorado e devolvido como mercadoria de si.

As reflexões dialogadas com diferentes autores em diversos encontros teóricos nos permitiram compreender a subjetivação feminina a partir de uma ótica em que a violência (dos afetos tristes segundo Espinosa), se apresenta de forma intrínseca, especialmente pelo envolvimento dos corpos femininos nas redes sociais (Foucault, 1987). Esses espaços, muitas vezes, reforçam padrões patriarcais que alimentam diariamente disputas entre as próprias mulheres (Ribeiro, 2019). Espinosa e seus afetos, emergem na escrita de Livia Azevedo, que acredita na força afetiva destes acontecimentos que reprogramam nossa leitura do sentir e do processo de alteridade que foi sendo construído ao longo das leituras.

O bom encontro é aquele em que nos relacionamos com um corpo que convém com a natureza do nosso, no sentido de que ele se combina com a relação de movimento e repouso que caracteriza nosso corpo, aumentando a sua potência de agir. O mau é o encontro com um corpo que não combina com o nosso, no sentido de que o afeta destruindo ou decompondo sua relação característica – tal como acontece no envenenamento, indigestão, intoxicação (Azevedo, 2018, p.54).

Ao transpor essa lógica para o ambiente digital, como quem migra um sistema para outro, é possível compreender que as redes sociais passam a operar como mediadoras desses encontros, potencializando tanto conexões que ampliam a potência de agir quanto interações

que funcionam como interferências no sistema, produzindo afetos tristes.

Nesse sentido, observa-se a emergência de afetos precarizados nas vivências compartilhadas através das redes sociais, marcados por sentimentos de comparação, autovigilância e busca de validação nas redes sociais. O ambiente digital mostra-se como um espaço ambíguo, simultaneamente de exposição e criação, onde o corpo feminino é atravessado por forças de controle, mas também por potências de resistência que revelam movimentos de docilização e fuga, evidenciando que o processo de subjetivação feminina online é instável, rizomático e em constante mutação.

É evidente a pressão estética e capitalista exercida tanto sobre a vida cotidiana quanto no ambiente virtual, introduzindo de maneira sutil a lógica do consumo e da busca incessante por padrões inalcançáveis (Berth, 2019). Nesse cenário, aquelas que não se enquadram acabam sendo marginalizadas e silenciadas, podendo resultar em sofrimento psíquico, expresso através de sintomas e sinais que atravessam a experiência feminina no ambiente virtual. A cartografia possibilita o encontro de linhas de fuga que provocam a criação de novas existências, ainda que em um cenário discursivo e histórico cultural já posto e imposto sobre nós mulheres (Deleuze; Guattari, 2002).

Os achados dialogam com as concepções de Foucault (1979) sobre o poder-saber e de Deleuze e Guattari (2002) acerca da territorialização, indicando que o espaço digital atua como um dispositivo biopolítico que regula afetos e corpos. Contudo, à luz de Rolnik (1989) e Berth (2019), percebe-se a emergência de linhas de fuga, nas quais o empoderamento feminino assume contornos micropolíticos e coletivos. Nesse devir, o corpo da mulher online torna-se campo de disputa entre a captura do desejo e a invenção de novas formas de existir, mesmo em meio à precarização, há forças de criação e resistência que apontam para outras possibilidades de subjetivação.

Enquanto futuras psicólogas, visamos mais do que apresentar respostas fechadas, operamos este trabalho como um sistema em rede aberta, em que cada conexão ativa novas problematizações. Nesse fluxo, a subjetivação feminina no ambiente digital está em constante atualização, atravessada por forças simultâneas de captura e criação, que ora limitam, ora expandem as possibilidades de ação, que funcionam como interfaces abertas, onde permitem múltiplos acessos, leituras e reconfigurações.

Como uma rede que nunca se fecha completamente, este trabalho segue como um

convite à invenção de outros modos de existir, resistir e produzir, em permanente processamento e reescrita. A desconexão, aqui, não aparece como fuga ingênua ou solução totalizante, mas como gesto micropolítico de reinventar-se. Resistir ao excesso, recusar a captura, rejeitar a lógica que transforma existência em conteúdo, trata-se menos de sair completamente da rede e mais de falar dentro dela, interromper seus fluxos, criar ruídos, instaurar pausas onde o controle não alcança totalmente.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Livia Godinho Nery Gomes. **Ética da alegria e do encontro**: diálogos entre Deleuze e Espinosa. O Manguel, v. 1, n. 2, p. 50–62, jan./jun, 2018.

BRUNINI, Bárbara Cossetin Costa Beber. **Ad/mira/ação**: mulheres docentes feministas e suas práticas descolonizadas na formação em psicologia. 2022. 130 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**: Feminismos plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BENELLI, Sílvia José. **A instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar**. Estudos de Psicologia (Campinas). Campinas/SP, v. 21, n. 3, p. 237-252, set./dez, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BARROS, Arthur Victor Gomes da Silva; BARCELOS, Tânia Maia. **Produção de subjetividade e redes sociais: navegar é preciso?** Emblemas, Catalão, v. 20, n. 2, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.61470/emb.v20i02.69828>>. Acesso em: 26 fev. 2026.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (org.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. UFGD, 2019.

CAVAGNOLI, Murilo; MAHEIRIE, Katia. **A Cartografia como estratégia metodológica à produção de dispositivos de intervenção na Psicologia Social.** Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 32, n. 1, p. 64–71, jan.–abr, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) no atendimento às mulheres em situação de violência.** 2. ed. Brasília: CFP, 2024. Disponível em:

<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2024/11/RT_Mulheres_web.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** São Paulo: Editora 34, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder.** In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 231-249, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974–1975).** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** São Paulo: Martins Fontes, 1963.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, Suely. **Manifesto antropofágico para uma vida em devir**. São Paulo: Iluminuras, 2012.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 2, p. 166–173, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular – Fundação Perseu Abramo, 2015.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução e notas por Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Rafael Pluciennik Faustinoni e. **A violência sistêmica como forma de dominação: processos psíquicos e os impeditivos para a revolta**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

VAQUINHAS, Irene. **História das mulheres**. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (org.). *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2019.